

# A dêixis discursiva como referenciação meta(cognitiva) e meta(linguística) no gênero artigo de opinião

*The discursive deixis as a meta(cognitive) and meta(linguistic) referenciation in the genre opinion article*

**Jorge França de Farias Júnior**

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE.

Recife, PE – Brasil

jorge\_jr\_99@yahoo.com

## Resumo

Neste trabalho investigam-se as categorias dêiticas nos artigos de opinião, especificamente, a dêixis discursiva como um referenciador metacognitivo e metalinguístico no gênero textual artigo de opinião. Para verificar algumas ocorrências dessas categorias, foram utilizados textos extraídos da revista *Vêja*. Justifico esta escolha, por estes apresentarem uma categorização variada dentro da perspectiva a que me proponho analisar. No estudo pretende-se observar como a dêixis discursiva é recorrente nos artigos de opinião, visto que sua função é apresentar um discurso fundamentado em uma ideologia discursiva do enunciador. Além disso, no estudo, também, expõe-se análise comparativa e um quadro estatístico dos textos estudados. Para tanto, constata-se a hipótese de que, os “dêiticos discursivos” (DD), com uma função referenciadora e orientadora de foco, realmente “monitoram” e “orientam” o foco de atenção do leitor, por isso sua frequência nos textos jornalísticos de opinião.

**Palavras-chave:** Artigos de opinião. Deixis discursiva. Metacognitivo. Metalinguístico. Referenciação.

## Abstract

This paper observes the categories of deixis in opinion articles, specifically, the discourse deixis as a metacognitive and metalinguistic referenciation, and presents some occurrences of these categories, besides, shows a comparative analysis and a statistic frame from the tests studied.

**Key words:** Discourse deixis. Metacognitive. Metalinguistic. Opinion articles. Referenciation.

## 1 Introdução

Neste trabalho verifico a ocorrência dos vários tipos de dêixis, no entanto, me detive na categoria discursiva<sup>1</sup> com objetivo de constatar sua margem de ocorrência no gênero textual artigo de opinião. Longe de ser um trabalho de conclusões finais e absolutas, este artigo apenas serve para orientar, numa visão global, a ocorrência da dêixis discursiva nos artigos de opinião.

Para tanto, levanto a hipótese de que, se os “dêiticos discursivos” (DD) realmente “monitoram” e “orientam” o foco de atenção do leitor, serão frequentes nos textos jornalísticos de opinião. Pois, os mesmos têm por objetivo fazer com que o leitor aceite as ideias expressas pelo autor.

A partir disso, observo sua utilidade enquanto “referenciador” de informações, ou seja, sua frequência como elemento que estabelece uma coesão textual no âmbito da estrutura linguística (frase) e o contexto em que se encontra, sem que com isso, os interactantes tenham que re(inferenciar) certos complementos verbais no enunciado. Assim, utilizei para a composição do *corpus* três textos jornalísticos impressos, especificamente, artigos de opinião, coletados da revista *Veja*. Justifico esta escolha por apresentarem uma categorização variada dentro da perspectiva a que me proponho analisar.

No que diz respeito ao aparato teórico utilizado, optei por basear a pesquisa, sobretudo, nos pontos de vista de Levinson (1983), Marcuschi (1997), Fillmore (1975), Cavalcante (2000) e Lyons (1977), dentre outros.

## 2 Fundamentação teórica

A dêixis pode ser descrita não somente como um processo que reflete o condicionamento mútuo entre o sujeito em seu contexto sócio-cultural e a linguagem, mas também como uma relação de referencialidade. (Cavalcante, 2000, p.13).

Dada a diversidade terminológica estabelecida para a definição do que viria a ser dêixis como elemento linguístico, vale salientar que seu uso advém da interação face a face. A dêixis é um dos fenômenos através do qual essa relação intrínseca se estabelece de forma mais evidente.

Recorrendo à etimologia do termo, encontramos em Marmaridou (2000, p. 65) a dêixis<sup>2</sup> como um termo de origem grega, empregado por “apontar, mostrar, indicar” e diz respeito ao uso de certas expressões linguísticas para localizar entidades no espaço-temporal, social e contexto discursivo. Mais tarde, o termo passou ao latim, no qual, este significado etimológico foi parcialmente preservado mesmo com a especialização linguística do termo.

De acordo com Levinson (1983, p. 54), todos os elementos linguísticos empregados para ligar o enunciado à situação em que é produzido são dêiticos, pois estabelecem a relação do enunciado com o seu falante (ex.: eu), com o seu lugar (ex.: aqui) e com o seu tempo (ex.: agora).

Haja vista a necessidade de maiores esclarecimentos quanto à ocorrência desses elementos dentro do enunciado, utilizo um critério de classificação no qual estabeleço por parâmetros que os dêiticos encontram-se, sucessivamente, da seguinte forma: com referência ao lugar onde o enunciado é produzido (advérbio de lugar etc.), ao momento (tempo verbal, advérbio de tempo etc.) e ao papel dos participantes na comunicação (pessoa do verbo etc.).

Partindo dessa perspectiva descritiva, vejamos algumas considerações feitas por Neves (1993, p. 264), em que a mesma reputa os advérbios de lugar e tempo como sendo dêiticos, ou seja, categorias pelas quais se determinam o referente de uma expressão a partir dos elementos da situação extralinguística em que a expressão é atualizada.

Segundo Neves (1993, p. 296), o caráter dêitico das categorias de tempo e lugar se representa por sintagmas fóricos<sup>3</sup> que recuperam informação, seja na situação, seja no texto, mas também sintagmas não-fóricos, em que se fixam coordenadas para referência a um estado ou fato, mas não se provê instrução para recuperação de informação no enunciado ou na situação de enunciação. Para ela, todo circunstancial fórico é dêitico.

Feitos os esclarecimentos ao uso dos circunstanciais enquanto dêiticos, Lahud (1979, p. 73) afirma que o referente dêitico “[...] é um lugar vazio que pode ser ocupado por todos os ‘particulares’ capazes de estabelecer com o ato de fala a relação significada pelo dêitico em questão [...]”.

A afirmação do parágrafo anterior condiz com o modo como Fillmore entende o sentido de dêixis, ao expor seu ponto de vista sobre a informação dêitica em *Santa Cruz Lectures on Dêixis*: “The importance of deictic information for

the interpretation of utterances is perhaps best illustrated by what happens when such information is lacking [...]”<sup>4</sup> (Fillmore, 1971, p. 38-39).

À guisa de uma complementação da citação acima, observemos Cavalcante (2000, p. 25) que concorda com Benveniste<sup>5</sup> sobre o modo como a ancoragem sócio-espácio-temporal motiva a forma dêitica, situando o ponto de referência do enunciador no centro do sistema de coordenadas, e admitindo, assim, o fundamento da subjetividade na prática da língua.

Essa ideia condiz, parcialmente, com o dialogismo de Bakhtin<sup>6</sup>, mas deixa de enfatizar os condicionamentos sócio-ideológicos que norteiam o ponto de vista do autor: “a língua existe não por si mesma, mas somente em conjunção com a estrutura individual de uma enunciação concreta.” (Bakhtin, 2010, p. 160).

Do ponto de vista de Levinson (1983, p. 62), os dêiticos não têm um referente fixo, em outras palavras, são “roteiros” para se chegar a um determinado referente dentro da enunciação. Assim, vejamos três categorias de dêixis, a saber: pessoal, espacial e temporal.

A dêixis pessoal faz referência à codificação do papel dos participantes no momento de fala em que o enunciado é proferido, assim, são observadas as categorias de “primeira pessoa”, que é a gramaticalização da referência do falante a si mesmo; “segunda pessoa”, que referencia a partir do falante a um ou mais destinatários; e “terceira pessoa”, que é a codificação da referência a pessoas e entidades que não são nem falantes nem destinatários do enunciado.

É de fundamental importância salientar que Cervoni (1989, p. 30) ressalta a perspectiva de alguns teóricos, entre eles A. Berrendonner e Jakobson, ao não considerarem a “terceira pessoa” como sendo dêitico, em razão de seu papel apenas passivo dentro da enunciação. Estes somente consideram a “terceira pessoa” em uso através da metáfora que pode atribuir sua atividade pela teoria em questão ao “contexto” jakobsoniano com a atividade do locutor e do alocutário, pois tal categoria seria apenas um participante, de modo algum poderia tornar-se um locutor. Portanto, não considero a “terceira pessoa” como dêitico, nesta análise.

Com relação à dêixis espacial, verifico que sua função concerne como um ponto para “ancorar” a relação da distância ou proximidade dos interactantes no momento da fala. Este tipo de dêixis é encontrado nas enunciações pelo uso dos pronomes demonstrativos e dos advérbios de lugar.

Segundo Marcuschi<sup>7</sup>, a dêixis espacial diz respeito à identificação de pontos no espaço relativamente à posição dos interlocutores no evento da enunciação. Os dêiticos espaciais não têm referentes fixo, mas a sua referência é construída a partir do contexto de enunciação não existindo fora deste contexto.

Em alusão à dêixis temporal, esta se encontra relacionada com o momento ou espaço de tempo em que é feita a enunciação. No entanto, se estabelece uma relação em que o tempo demarcado encontra-se projetado tanto no enunciador (Tempo de Produção), quanto no receptor (Tempo de Recepção), ou podendo desenvolver-se ao mesmo tempo dentro do contexto de interação enunciativa, havendo, portanto, uma “simultaneidade dêítica”.

Deste modo, Lyons (1977:685) afirma que uma língua possui tempo, quando alguma variação sistemática na estrutura frasal relaciona, necessariamente, os momentos da situação descrita com a da enunciação, seria uma *deictic simultaneity*.

Agora, vejamos como Levinson (1983), em sua terminologia, propõe, a partir de Fillmore e Lyons, as categorias de dêixis social, gestual, simbólica e discursiva.

A dêixis social fundamenta-se na gramaticalização no âmbito dos contextos sociais, ou seja, estabelece uma distinção inerente aos aspectos culturais e hierárquicos das relações sociais, fundamentadas entre o falante e o destinatário.

A propósito de dêixis gestual, verifiquei que tal categoria se complementa a partir de outros elementos extralinguísticos, isto é, de recursos audiovisuais, como o gesto que é empregado para conduzir a interação em uma situação de fala.

Por sua vez, a dêixis simbólica requer, por parte dos interlocutores, conhecimento prévio e compartilhado acerca das coordenadas espaço-temporais, estabelecendo, assim, uma interação no ato elocutório.

Ao finalizar essa categorização, observamos que Levinson (1983, p. 63), ainda seguindo a teoria de Fillmore e Lyons, define a dêixis discursiva como sendo um elemento linguístico que faz referência a uma parte, ou, um aspecto do discurso, no sentido de “apontar” algo que já foi mencionado anteriormente, estabelecendo, então, uma relação metalinguística e metacognitiva, ao orientar o foco de atenção do leitor/ouvinte.

Agora que vimos os pontos de vista de vários autores com relação às categorias dêiticas estudadas, para um maior esclarecimento, detenhamo-nos na dêixis discursiva (DD), objeto de meu estudo.

Segundo Fillmore (1975, p. 70), “Dêixis discursiva tem a ver com a escolha de elementos lexicais ou gramaticais que indicam ou também referem uma porção do discurso em andamento.”

Expressões como “o próximo, o último, o anterior, adiante” etc. são chamadas por alguns linguistas como dêiticos discursivos ou textuais. Levinson (1983) chama a atenção em seu estudo sobre a dêixis para o papel dos dêiticos espaciais que, quando usados no texto, se transformam em dêiticos discursivos, pois sempre se referem ao espaço do próprio texto, como as palavras “acima” e “abaixo”, exercendo, assim, uma função “metatextual”<sup>8</sup>.

Ehlich apud Marcuschi (1997, P. 158) trata da dêixis discursiva como um “sinalizador” que faz com que o leitor se volte para determinadas porções do discurso, organizando, orientando e monitorando o leitor. Ela também faz com que a “noção de foco de atenção” seja uma atividade “metacognitiva”, sendo assim, um instrumento necessário à construção dos textos.

Koch (1997, p. 38), a partir do ponto de vista de Ehlich sobre a relação/diferença entre “anáfora e dêiticos textuais”, reitera a visão de Marcuschi com relação a DD, ao defender a posição de os dêiticos textuais são uma espécie de “mostração” e servem como “sinalizadores” e têm o papel de “organizar a atenção comum dos interlocutores com referência ao conteúdo da mensagem”. É válido salientar que Ehlich chama a dêixis em questão de dêixis textual.

Fillmore (1975) coloca a dêixis discursiva como sendo restrita ao contexto do discurso e não à situação interacional, mostrando, assim, que esta categoria é um caso especial de dêixis.

Adentrando agora na análise do *corpus* em questão, nos textos jornalísticos de opinião, pude observar que a dêixis discursiva é pouco frequente e, geralmente, aparece como um referenciador de uma porção do texto e, até, de um parágrafo inteiro.

### 3 Análise do *corpus*

A princípio, vale reforçar como foi mencionado no início do trabalho, que farei uma análise com ênfase na dêixis discursiva. No entanto, com objetivo de fazer um levantamento percentual de ocorrências de todos os tipos de dêixis, cito

alguns exemplos de cada elemento dêitico dentro do enunciado, seguido da sua análise.

### a) Dêixis pessoal

Ex.: 1. “Eu digo. . .Eu afirmo. . .”;  
(*Veja*, ano 33, n. 18, p.170).

O autor do artigo usa o pronome pessoal de 1ª pessoa “eu” para “apontar” no texto a si mesmo como enunciador. Assim, o enunciado se estabelece a partir do seu ponto de vista, da sua subjetividade. (Cf. Benveniste 1988, p. 286).

### b) Dêixis espacial

Ex.: 1. “Na semana passada já se falou aqui desse documentário [. . .]”  
(*Veja*, ano 33, n. 18, p.170).

Ex.: 2. “O morro fica ali ao lado”;  
(*Veja*, ano 33, n. 17, p.186).

Observamos que o advérbio de lugar “aqui” é usado para referenciar ao lugar em que foi produzido o enunciado dentro do texto, na intenção de “situar” o leitor com relação ao evento da fala. Com relação ao dêitico “ali”, este está sendo utilizado no artigo indicando circunstância por definição semântica, ao estabelecer uma escala de proximidade entre os participantes do texto.

### c) Dêixis temporal

Ex.: 1. “Agora o entrevistado é ‘Carlinhos’ [. . .]”;  
Ex.: 2. “Que nem tô aqui agora.”;  
(*Veja*, ano 33, n. 17, p.186).

Quanto ao advérbio de tempo “agora”, na função de dêitico, está demarcando um momento dentro do texto em que a posição do objeto da enunciação é transferida de um turno a outro, assim, direcionando o destinatário. Acerca do dêitico “hoje” foram evidenciadas várias ocorrências, no entanto, essa expressão

de tempo foi vista em todos os casos como um determinador de fixidez, demarcando um período no tempo, com sentido de “atualmente”. Vejamos:

Ex.: 1. “[...] hoje mais famoso do que na época em que foi lançado (1998) [...]”;

Ex.: 2. “[...] e é hoje deputado estadual pelo PT no Rio de Janeiro.”;

Ex.: 3. “[...] o hoje famoso Marcinho VP [...]”;

(*Veja*, ano 33, n. 18, p.170).

#### d) Dêixis social

Foram detectadas duas ocorrências desta categoria dêitica. Observemos os exemplos:

Ex.: 1. “Mas, doutor, era um ladrão [...]”;

Ex.: 2. “Pé na porta, o leitor sabe, [...]”;

(*Veja*, ano 33, n. 18, p.170).

No primeiro exemplo, o enunciador relata um diálogo estabelecido entre dois interactantes, em que o primeiro (dono de supermercado) se dirige a uma autoridade judicial (delegado), a partir da expressão “doutor”, firmando, assim, o papel dos participantes e os aspectos das relações sociais mantidas entre os mesmos.

Já no segundo exemplo, o próprio emissor se dirige ao destinatário (leitor virtual), pressupondo que este está ciente do contexto da enunciação, podendo tal dêitico enquadrar-se para qualquer leitor.

#### e) Dêixis simbólica

Ex.: 1. “Debateu-se, nas últimas semanas, o caso de Salles.”;

(*Veja*, ano 33, n. 17, p. 186).

Ex.: 2. “Na semana passada, já se falou aqui desse documentário [...]”;

Ex.: 3. “[...]foi preso na semana passada [...]”;

(*Veja*, ano 33, n. 18, p. 170).

Em todos os exemplos observados, os dêiticos simbólicos “últimas semanas”, “semana passada”, requer, por parte do destinatário, um conhecimento prévio de datas para se contextualizar a mensagem a ser transmitida na enunciação.

Com referência à dêixis gestual, não houve ocorrência, haja vista sua escassez nos artigos de opinião, já que faz parte na maioria das vezes da oralidade.

#### f) Dêixis discursiva

Nos textos jornalísticos de opinião, os autores tentam passar suas ideias e fazer com que os leitores aceitem, ou concordem com seus pressupostos e opiniões. Para tanto, os autores utilizam palavras ou expressões que ajudam o leitor a monitorar seu pensamento e, assim, orientar o mesmo para a ideia central do texto. Essas expressões foram encontradas em 99 chamadas, como dêiticos discursivos.

Analisei o texto “Notícias de uma guerra particular” (*Veja*, ano 33, n. 17, p. 186), em que o autor começa citando diálogos de um oficial da Polícia Militar (PM) e de um menor infrator. No segundo parágrafo, o autor utiliza a expressão dêitica discursiva “os diálogos acima” apontando que estes diálogos estão presentes no documentário. Já no quinto parágrafo, o autor inicia com a frase: “[...] o documentário é isso, mas é muito mais”. O pronome demonstrativo “isso” faz com que o leitor oriente seu foco de atenção para o conteúdo do documentário já falado nos parágrafos anteriores (terceiro e quarto parágrafos). No fim do mesmo parágrafo, o autor utiliza novamente a dêixis discursiva “isso”. O número de dêixis discursiva no texto está numa razão de um dêitico discursivo para cada 280 palavras, como pode ser constatado no mapeamento dos percentuais gráficos.

Numa segunda análise em “Notícias de uma guerra particular (2)” (*Veja*, ano 33, n. 18, p. 170), o autor do artigo tece comentários acerca da guerra entre policiais e traficantes nos morros cariocas, dando continuidade ao tema abordado no texto acima estudado. Percebe-se o uso da dêixis discursiva no segundo parágrafo em “desse documentário”, quando o autor referencia ao documentário “Notícias de uma guerra particular”. Ainda no segundo parágrafo, o autor ao fazer referência a este artigo utiliza o pronome pessoal “ele” como um dêitico discursivo, na medida em que, introduz o texto novamente sem fazer menção pelo título, em: “Volta-se a ele para abordar o

que ficou de fora [...]” Já no terceiro parágrafo, o termo “em seguida” é um referenciador discursivo quando sinaliza dentro do próprio texto para algo que vem depois e complementa o dito anterior, ou seja, estabelece uma ponte meta(cognitiva) e meta(linguística) entre os dois enunciados. Vejamos no fragmento do texto: “[...] para em seguida acrescentar que [...]”. No quarto parágrafo, pode-se verificar o demonstrativo “isso” fazendo referência ao enunciado anterior, sobre a sugestão da extensão do método aos prédios chiques do Leblon, constatamos: “[...]’A sociedade vai conseguir segurar isso?’ A pergunta fica nos ouvidos. A sociedade segura isso?” E uma última constatação pode ser feita no sexto parágrafo: “Não é isso que os Estados Unidos [...]”, em que o “isso” faz referência à sugestão de se fecharem às fábricas, dito anteriormente no texto.

Analisei outro texto intitulado: “Homenagem a Francis” de Diogo Mainardi (*Veja*, ano 33, n. 13, p. 223), no qual o autor fala do já falecido escritor Paulo Francis entre outras coisas. Novamente, aqui, temos a presença do pronome demonstrativo “esse” acompanhado de uma outra palavra e que, mais uma vez, são usados como referenciadores e orientadores do foco de atenção do leitor. Logo no primeiro parágrafo, temos “esse bairrismo” que faz referência às informações dadas anteriormente. No segundo parágrafo, penúltima linha, aparece “essa nova realidade” que orienta a atenção do leitor para situações de São Paulo e Veneza, explicitadas ao longo do parágrafo. No terceiro parágrafo, temos “esse amor”, “a seguir”, que é um dêitico de tempo que se transformou num DD, pois faz referência ao tempo textual, e “esse ufanismo”. No quarto e último parágrafo, temos “essas considerações”, “esse papo” e “esse artigo”. Logo, neste artigo temos um total de 523 palavras e oito dêiticos discursivos numa razão de um dêitico discursivo a cada 65 palavras. Por fim, os três textos apresentam um total de 1.944 palavras e 16 dêiticos discursivos, numa razão de um dêitico discursivo a cada 121 palavras.

## 4 Coleta dos dados

O *corpus* que utilizei para análise é composto por três artigos de opinião, retirados das revistas *Veja*. Esses artigos encontram-se, respectivamente, em: texto 1 (*Veja*, ano 33, n. 17, p. 186), que apresenta 712 palavras; texto 2 (*Veja*,

ano 33, n. 18, p. 170), com 709 palavras; e, texto 3 (*Veja*, ano 33, n. 13, p. 223), composto por 523 palavras.

## 5 Dados estatísticos

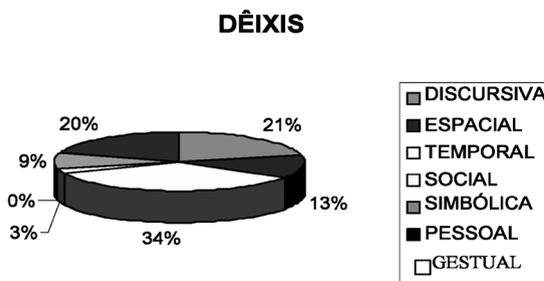
A partir do material estudado, pude fazer um levantamento estatístico das ocorrências das categorias dêiticas em cada texto. Vejamos o resultado no Quadro 1:

Tipos de dêixis	Texto 1	Texto 2	Texto 3	Resultado final
Dêixis pessoal	03	02	10	15
Dêixis espacial	05	04	00	09
Dêixis temporal	04	13	07	24
Dêixis social	00	02	00	02
Dêixis gestual	00	00	00	00
Dêixis simbólica	01	04	01	06
Dêixis discursiva	04	04	06	16
Resultado parcial	17	29	24	70

**Quadro 1: Categorias dêiticas**

Fonte: Jorge França.

Agora, vejamos no Gráfico 1 o resultado percentual dos dêiticos nos artigos de opinião:



**Gráfico 1: Resultado percentual nos artigos de opinião estudados.**

Fonte: Jorge França.

## 6 Resultados finais

Por um lado, por serem voltados para um diálogo com o leitor, os artigos de opinião não trazem uma linguagem muito formal, se comparado com outros gêneros textuais. Assim, os dêiticos discursivos aparecem nestes artigos com uma função referenciadora e orientadora de foco. Por ser de relevância o tamanho dos textos para a ocorrência dos dêiticos discursivos, os textos analisados apresentam uma ocorrência grande se compararmos, por exemplo, aos textos jurídicos que são mais formais e apresentam, em média, um dêitico discursivo para cada 167 palavras, confirmando, assim, a hipótese de que os dêiticos discursivos têm uma frequência relevante nos artigos de opinião como referenciador meta(cognitivo) e meta(linguístico). Muito embora, no panorama geral de estatística, a dêixis temporal tenha apresentado uma predominância sobre as demais categorias.

### Notas

- 1 Neste trabalho emprego o termo Dêixis Discursiva (DD) pelo fato de se tratar de um tipo de dêixis constituída discursivamente e relacionada a aspectos discursivos. No entanto, vale salientar que alguns autores dentre eles Fillmore (1975) chamam este fenômeno de Dêixis Textual.
- 2 Cf. Ferreira, (1986, p. 531) o verbete “[...] dêixis: (cs) [Do grego *deíxis*, eos] S.f.Ling. 1. Faculdade que tem a linguagem de designar demonstrando e não conceituando.”
- 3 Entende-se fórico (no sentido do grego *phéro*, “levar”, “trazer”) como elemento que propicia a busca ou a recuperação de informação, por remissão a um ponto do enunciado, ou à situação da enunciação (Neves, 1993, p. 265).
- 4 A importância da informação dêitica para a interpretação do enunciado é talvez a melhor ilustração do que acontece quando tal informação é vazia.
- 5 “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta-se na sua realidade, que é a do ser, o conceito de ‘ego’” Cf. (1988, p. 286).
- 6 Crê-se que a edição original seja de 1929.
- 7 Trabalho realizado no contexto do Projeto Integrado “Fala e Escrita: usos e características”, processo CNPq, nº 523358/94 – (6).
- 8 Cf. Fillmore (1975, p. 70) sobre as expressões *above* e *below*. No inglês não podem ser usadas na fala, pois estão intrínsecas à escrita. O que equivale ao português em que não se utiliza “acima” ou “abaixo” na fala e, sim, na escrita.

### Referências

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* [1929]. São Paulo: Hucitec, 14ª. Edição, 2010.

CAVALCANTE, M. M. *Expressões iniciais em contexto de uso*: por uma categorização dos dêixicos discursivos. 2000, 205p. Tese. (Doutorado em Linguística)- Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

CERVONI, Jean. *A enunciação*. São Paulo: Ática, 1989. p. 23-52.

FILLMORE, C. *Lectures on deixis*. 1971. Indiana University. UCLA, 1975.

KOCH, I. G.V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

LAHUD, Michel. *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo: Ática, 1979.

LEVINSON, S. C. *Pragmatics*. New York-NY: Cambridge University Press, 1983. p. 54-96.

LYONS, J. Deixis and anaphora. In: T. Myers (Ed.) *The development of conversation and discourse*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1977.

MARCUSCHI, L. A. A dêixis discursiva como estratégia de monitoração cognitiva. *Recife: UFPE*, 1997. p. 157-171.

MARMARIDOU, S. S. A. On dêixis. In: *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam / Philadelphia. University of Athens: John Benjamins Publishing Company, 2000. p. 65-116.

NEVES, M. H. M. Os advérbios circunstanciais de lugar e tempo. In: ILARI, R. *Gramática do português falado*. V. 2. Campinas: Unicamp, 1996. p.261-296.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 1.642, Ano 33, n. 13, 29 mar. 2000.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Abril, edição 1.646, Ano 33, n. 17, 26 abr. 2000.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Abril, edição 1.647, Ano 33, n. 18, 3 maio 2000.

**DIOGO MAINARDI**

## Homenagem a Francis

Como aconteceu todos os anos, os cartazes deslecharam do Carnaval paulistano. O prefeito do Rio de Janeiro saiu na frente. Depois, veio o governador. Tratava-se de disputa eleitoral, claro. Esse hábito tem de beu-queim há milênios. O problema é que os carnavalescos paulistas cantam na armadilha e se sentiram no dever de responder. Mas responder a quê? Uns do pouso antigamente de São Paulo em relação ao Rio é, justamente, não ser Carnaval. Eu nasci e cresci em São Paulo. Se me obrigassem a morrer em alguma cidade brasileira, no entanto, acho que escolheria o Rio. Eu gosto de praia. E gosto, particularmente, das praias cariocas, com picolé, tapiscas, cachaço verde, frescobol, exposto a céu aberto e aquelas ondas fortes que vivem dando caldo na gente. Mas, já que ninguém me obriga a morrer no Brasil, deixei morrer na Itália, onde Venezia. É a cidade perfeita para mim. Porque é o exato contrário de São Paulo. Em São Paulo, eu sentia que tudo era familiar demais, que minhas escolhas eram automaticamente, mecânicas. Vou de um lugar como Venezia, tive de responder toda a minha vida, adaptando-me conscientemente a essa nova realidade, refletindo o respeito de cada ação. É a maioria das pessoas que eu conheço jamais trocaria São Paulo ou Rio por Venezia. Há amam sua cidade. Esse amor é perfeitamente legítimo. Não tenho nada contra. Aceite-se que eu cresci num período em que amar a própria pátria se tornou uma espécie de imposição. Todas as manhas, em minha escola, cantava-se o *Hino Nacional* e batia-teava-se a bandeira. A seguir, assis-

tíamos às aulas de educação moral e cívica. Esse infamismo forçado acabou produzindo o efeito inverso na minha cabeça, assim como na de muita gente da minha geração. Nós percebíamos que amar a pátria, naquele momento, significava aprovar o regime militar. Como éramos pequenos demais para entender conceitos, motovou na polícia, a única subversão que nos restava era falar mal do país, cantar uma versão chula do hino e torcer contra a seleção de futebol.

Três anos depois de sua morte, ninguém mais se lembra de Paulo Francis. Mas ele representou uma verdadeira libertação para garotos como eu. Ele demonstrava, por meio de seus artigos de Nova York, que havia dignidade intelectual no repulso ao Brasil, que não se tratava apenas de xenofobia campira. E remessa do país voluntariamente era ainda mais heroico que ser exilado pela ditadura, porque não implicava sujeição a uma vitória individual. Essas considerações talvez já não façam sentido nos dias de hoje, porém eu tenho um débito com Paulo Francis. E, desde fevereiro, aniversário de sua morte, vou tentando articular uma maneira de homenageá-lo num dia voluntariamente. Infelizmente, tudo o que escrevo sobre o assunto fica esquecido, por isso. Como esse papo furadíssimo a respeito da ditadura. A minha homenagem a Paulo Francis, portanto, será muito mais direta. Logo depois de terminar esse artigo, preparei minha lanchinha, que ficou no estaleiro durante todo o inverno, sob uma longa volta pelos canais de Venezia, do Arsenal até o porto, passando pela ponta da Affrêdaga.

veja 29 de março, 2000 22

## Notícias de uma guerra particular

Roberto Pompeu de Toledo Ensaio

**Um filme que é mais uma corvulhada na micca refere ao mesmo tempo a chance de sair dele mais hídrido**

Quem se sentir esse quando mais? O capitão Pimentel, o chamado crítico em seu uniforme de oficial da Polícia Militar do Rio de Janeiro, viveu breves e saudáveis como soldado americano de cinema, julho até setembro, correto de curso de educação moral e cívica, repleto de sua profunda e estreita com sua vida, responde: "A sensação é de dever cumprido. Se disserem que não durmo à noite, mentira". Conte Aguiar e entrevistado de "Café", garante de 16 anos, manifesta regota brava, atingindo os limites físicos, corado no pescoço, flogopa linguagem de aprendiz de malandro, oferecido numa introdução: para melhores informes. Quando menos ele pra primeira vez? "Quando tinha 11 anos. 'Como foi?' 'Fogão fogu não. Peguei sete rolos de pira de canabido, comepi 5 litros de gasolina, acendi um fósforo e botei fogo nele'. E como se sentiu? 'Me senti normal. Que não sei aqui agora'".

Os diálogos acima fazem parte do filme famoso documentário *Notícias de uma Guerra Particular* de João Moreira Salles e Kátia Lund. *Franco e o perna - pouco visto*. A fama decorre da nitidez política-policial que vitimou Salles, ao vir a luz que pegou uma bolha para que um dos traficantes que o ajudaram no filme escrevesse um livro. O documentário mostra ser famoso por outro motivo. É inevitável. Mostra um universo feio e escuro, mas chego a ser belo, de dia voltando.

O tema é a guerra entre polícia e traficantes nos morros cariocas. O título *Pimentel* faz parecer personagem de ficção, tão bem-sucedido se apresenta como policial (oculto) das cores. "Tanta paixão para a guerra", diz ele, quando se entusiasma. Ele quis ser policial desde os 8 anos. Quer participar de combates. E está participando. "Na Força Armada, não teria a mesma oportunidade. O meu dia não é lá. Dia de rua, dia não, vive com o tráfico. Não tem como sair da cidade. A polícia do Rio orienta uma campanha de Um Operário (o tráfico) de um Operário. Um recruta. "Temos se" diz o capitão, com orgulho. "Uma das coisas mais importantes é combater a corrupção".

O problema é que, como disse um recruta, o outro há de sempre apresentar sua vantagem relativa. Se Pimentel quis ser policial desde criança, no morro não faz tanta crânica que quer ser traficante. "Não quer trabalhar", pergunta-se no filme a um menino. "Quero 'Ode de' "No tráfico". O tráfico, ou "movimento", como o chamam no morro, como se fosse uma reunião de pessoas movidas por uma causa, oferece a um menino solitário de 300 reais por semana, com um salário mínimo. A época da redação do filme (1997-1998), de 112 reais. Tradução: proporciona esse bringing lá desajado que não é a guerra, tanta e até carna com as mulheres. "Se cara armado tem direito de carregar lá de baixo", comenta Jante, uma nordestina da favela.

O documentário é isso, mas é muito mais. Talvez o principal não seja o garoto Zélio, de 10 anos, filiado numa escola destinada a crianças infratoras até 12 (12) anos. Simplesmente como a vida lhe transcorrer no mais cristiano normalidade: rido como se o futuro lhe casasse com todos as suas múltiplas possibilidades. Zélio conta que lhe cabia no movimento no dia seguinte quando a polícia se aproxima, e aligeiramente mostra o fôlego a bola que os policiais lhe fizeram na parede. Mas, que criança em Zélio há muito sabemos, e aprendemos a tocar em frente assim mesmo. O que o documentário tem valor de mais inovador e algo não explícito, está - a sugestão de que o mundo lá em frente se move por reflexos de justificação. Foi da manhã os traficantes apertam os armaria e vão à luta. Por ser lá, a polícia sabe o morro, prende um, há de ser outro, mais e morte. Para que eles não morram? Parecem personagens já desdentados de como tudo começa, e sem tempo de para onde ir. Talvez o episódio da droga seja seja mais o principal, e um segre adiantar, cada um na sua, comprando papéis que não podem nem serem mais lugar, minha rotina que rende prestigio social para uns, poder para outros, e máfia experiente da guerra, para quem se desverte com isso, e para todos, saúde e ocupação.

Ao fim do filme o espectador está a tônica de uma corvulhada na micca, mas no mesmo tempo um com clonagem de ganhar e perder, que relicto a uma certa realidade brasileira. Debatemos nos últimos minutos, o caso de Salles. Devia-se debater o filme. Os brasileiros devem vê-lo como visto. *Uma Guerra Particular*. O capitão Pimentel é certo, talvez não um personagem feliz e explica que polícia alguma a guerra. "É uma arma única de Educação", afirma. "No dia de um recruta. "Temos se" diz o capitão, com orgulho. "Uma das coisas mais importantes é combater a corrupção".

Além de apresentar sua vantagem relativa. Se Pimentel quis ser policial desde criança, no morro não faz tanta crânica que quer ser traficante. "Não quer trabalhar", pergunta-se no filme a um menino. "Quero 'Ode de' "No tráfico". O tráfico, ou "movimento", como o chamam no morro, como se fosse uma reunião de pessoas movidas por uma causa, oferece a um menino solitário de 300 reais por semana, com um salário mínimo. A época da redação do filme (1997-1998), de 112 reais. Tradução: proporciona esse bringing lá desajado que não é a guerra, tanta e até carna com as mulheres. "Se cara armado tem direito de carregar lá de baixo", comenta Jante, uma nordestina da favela.

O documentário é isso, mas é muito mais. Talvez o principal não seja o garoto Zélio, de 10 anos, filiado numa escola destinada a crianças infratoras até 12 (12) anos. Simplesmente como a vida lhe transcorrer no mais cristiano normalidade: rido como se o futuro lhe casasse com todos as suas múltiplas possibilidades. Zélio conta que lhe cabia no movimento no dia seguinte quando a polícia se aproxima, e aligeiramente mostra o fôlego a bola que os policiais lhe fizeram na parede. Mas, que criança em Zélio há muito sabemos, e aprendemos a tocar em frente assim mesmo. O que o documentário tem valor de mais inovador e algo não explícito, está - a sugestão de que o mundo lá em frente se move por reflexos de justificação. Foi da manhã os traficantes apertam os armaria e vão à luta. Por ser lá, a polícia sabe o morro, prende um, há de ser outro, mais e morte. Para que eles não morram? Parecem personagens já desdentados de como tudo começa, e sem tempo de para onde ir. Talvez o episódio da droga seja seja mais o principal, e um segre adiantar, cada um na sua, comprando papéis que não podem nem serem mais lugar, minha rotina que rende prestigio social para uns, poder para outros, e máfia experiente da guerra, para quem se desverte com isso, e para todos, saúde e ocupação.

Ao fim do filme o espectador está a tônica de uma corvulhada na micca, mas no mesmo tempo um com clonagem de ganhar e perder, que relicto a uma certa realidade brasileira. Debatemos nos últimos minutos, o caso de Salles. Devia-se debater o filme. Os brasileiros devem vê-lo como visto. *Uma Guerra Particular*. O capitão Pimentel é certo, talvez não um personagem feliz e explica que polícia alguma a guerra. "É uma arma única de Educação", afirma. "No dia de um recruta. "Temos se" diz o capitão, com orgulho. "Uma das coisas mais importantes é combater a corrupção".

Anexo 1  
Fonte: Veja, 29 de março, 2000, p. 223.

Anexo 2  
Fonte: Veja, 26 de abril, 2000, p. 186.



## Notícias de uma guerra particular (2)

Roberto Pompeu de Toledo. Ensaio

**Deseja-se uma polícia honesta? Então fica combinado**

**vale para a família dele para Ipanema**

— E aigo. Não precisa de os barbaes nas direitas. Hélio Luz sempre estendido do método aos prôdos cheigos do Leblon. E pergunta: "A sociedade vai conseguir seguir isso?" A pergunta fica no ouvido. A sociedade segura isso?

Uma questão não confundida com a intenção de dele, quando se fala em narcotráfico, é a do contrabando de armas. No documentário de Salles e Lind debruça uma produção de armas, nas mãos tanto de policiais quanto de traficantes — as melhores de modelos mais avançados, furtos e metralhadoras de nomes cabalísticos, para o consumo das pessoas. P-90, MD-2, K-47, PT-92, mas pronunciado pelas crianças do bairro com a familiaridade com que a dona-de-casa enumera marcas de sabão de pó. Ou, para ficar no filme, com a familiaridade com que, em uma cena, os mesmos meninos comemoram as grifes preferidas: Jean Com-pagn, camuflado, Taurus, Ipanema.

Luz afirma que o negócio das armas é quase tão valioso quanto o do narcotráfico. Os lucros de uma e outra empurram muito próximo. "Por que se fabricam fuzis com 700 tiros por minuto?", pergunta. "Já não caiu o muro?" Tais armas, a comunidade institucional proíbe que se vendam à L.Bra ou ao Exército Republicano Irlandês (IRA) — mas não dá a ter de sua grã no Rio de Janeiro. Para além, os traficantes compram de policiais corruptos. Outra parte Ben chega por canais misteriosos. Como combater o tráfico de armas? Luz tem uma sugestão (tão provocadoramente abastada quanto absurdamente lógica): fechar as fábricas. Não é fã de o que os Estados Unidos fazem como polícia de combate ao narcotráfico? Não vão a origem do problema, com o objetivo de desmontar a produção em Peru e na Colômbia? Pois Luz reivindica uma intervenção nas fábricas de armas: "Quero fechar a fábrica da Odebrecht que faz o AB-15, nos Estados Unidos. Quero fechar a fábrica da Sig-Sauer na Suíça".

Não se encontra esta página informático, à brevidade do filme, o que aconteceu depois com os personagens. Hélio Luz deixou a polícia e hoje despedido estadual pelo PT no Rio de Janeiro. O traficante associado com o marido de Salles, o hoje famoso Marcelinho PP, foi finalmente preso na semana passada, depois de não se buca, num metro do bairro carioca de Santa Teresita. João Salles foi indicado pelas relações com Marcelinho PP e escreveu num infome particular. Não mudou a vida nos meses. Os moradores do bairro da Tijuca viviam na semana passada mais uma dia habituais noites de terror, com o inotero cerrado entre traficantes. Os restos da família continuam dia traças no nome das armas quanto no das grifes, confundindo ambos, acartilhando e embalsamando ambos no mesmo programa de vida. — Hélio Salles e ER, São, camuflado Ipanema e PT-C.

por causa da mesada paga por Salles a um chefe de tráfico, que cobrava nas filiações, para que se escrevesse um livro. Notícias de uma Guerra Particular, cujo tema é a guerra entre policiais e traficantes nos metros cariocas, causa aflição de tão densos e revelados. Não se a che para abordar o que ficou de fora na semana passada — o depoimento de Hélio Luz.

"Sim, a polícia é corrupta", diz o delegado no filme, para um episódio acrescentado que se a sociedade quer uma polícia honesta, não seria difícil consegui-lo. Conta então uma experiência que viveu num município do norte fluminense. Quando ali chegou, para assumir o posto de delegado, encontrou a população traumatizada. Havia pouco, o concreto se apoiava na base de fuzis local. Chamava-se pela moralização dos agentes da segurança pública. Luz junta entre policiais que, em sua palavra, "não levaram grana" e pôs-se ao trabalho. Apalamos. O delegado era convidado para os jantares do Rotary. Tudo foi bem durante dois meses até que, no terceiro, o segurança do supermercado empurrou um garoto apunhalado-furtado. Foram atirados os dois. Um por fuzil, outro por agressão. O dono do supermercado presente, em favor de segurança. Mas, doutor, era um ladão. O delegado correu a ser visto como hecho estranho. Hélio Luz data daquele momento o fim da base-mel da sociedade local com a moralidade. Os comites para jantar desapareceram. Dese-se então que um fazendeiro matou um rapaz que lhe levou o touca-fim do carne. "Ai primo", diz Luz. "O que era bom deixou de ser". Não se supunha a incriminação do fazendeiro. Não se aguentava mais tanta moralidade.

Luz defende que a polícia é corrupta porque caminha à sociedade. Deseja-se uma polícia honesta? Então, se vale para a família passa a valer para o Posto 9. "Não pode chegar em Ipanema", diz. "Vai ter que na guerra na Delfim

170 3 de maio, 2000 veja

## Anexo 3

Fonte: Veja, 3 de maio, 2000, p. 170.

recebido em 24 abr. 2011 / aprovado em 18 jun. 2011

### Para referenciar este texto:

FARIAS JÚNIOR, J. F. A dêixis discursiva como referenciação meta(cognitiva) e meta(linguística) no gênero artigo de opinião. *Dialogia*, São Paulo, n. 13, p. 123-136, 2011.